



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Olga Alexandra Campos de Vila Chã Esteves

Formação de impressões e efeito de autorreferência: Estudo comparativo de listas de formação de impressões e listas de associados convergentes



Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Olga Alexandra Campos de Vila Chã Esteves

**Formação de impressões e efeito de
autorreferência: Estudo comparativo
de listas de formação de impressões
e listas de associados convergentes**

Dissertação de Mestrado
Mestrado Integrado em Psicologia

Trabalho realizado sob a orientação do

Professor Doutor Pedro Barbas de Albuquerque

e da

Professora Doutora Teresa Margarida Moreira Freire

outubro de 2014

Nome

Olga Alexandra Campos de Vila Chã Esteves

Endereço electrónico: oacvce@gmail.com

Número do Bilhete de Identidade: 03988581

Título dissertação

Formação de impressões e efeito de autorreferência: Estudo comparativo de listas de formação de impressões e listas de associados convergentes

Orientadores:

Professor Doutor Pedro Barbas de Albuquerque

e da

Professora Doutora Teresa Margarida Moreira Freire

Ano de conclusão: 2014

Designação do Mestrado:

Mestrado Integrado em Psicologia

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, 17/10/2014

Assinatura: _____

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	iii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
Enquadramento Teórico e Empírico.....	1
Estudo 1.....	4
Participantes.....	4
Materiais e instrumentos.....	4
Procedimento.....	6
Planeamento.....	6
Resultados e Discussão.....	7
Estudo 2.....	10
Participantes.....	10
Materiais e instrumentos.....	11
Procedimentos.....	11
Planeamento.....	11
Resultados.....	11
Resultados e Discussão.....	13
Estudo 3.....	14
Participantes.....	15
Materiais e instrumentos.....	15
Procedimento.....	15
Planeamento.....	16
Resultados e Discussão.....	16
Discussão geral.....	20
Referências.....	21

AGRADECIMENTOS

Muito especialmente, desejo agradecer aos meus orientadores Professor Doutor Pedro Albuquerque e Professora Doutora Teresa Freire, pela disponibilidade, atenção dispensada, paciência, dedicação e profissionalismo.

E, à minha família, aos meus amigos e aos meus gatos, muito obrigada!

Formação de impressões e efeito de autorreferência: Estudo comparativo de listas de formação de impressões e listas de associados convergentes

Resumo

No presente estudo pretendemos comparar listas de formação de impressões e listas de associados convergentes quanto à evocação. Para tal recorreremos a uma tarefa de formação de impressões conjugada num mesmo procedimento com uma outra de avaliação da autorreferência.

Começamos por identificar e confirmar o nível de produção de memórias falsas e de evocação de palavras apresentadas com listas de traços de personalidade usualmente usadas em tarefas de formação de impressões manipulando o número de itens críticos necessário para a produção de memórias falsas. Posteriormente comparamos estas listas com listas de associados convergentes construídas por nós.

Numa terceira fase recorreremos a uma tarefa de memória cujo processamento se baseou na formação de impressões, para comparar o efeito de autorreferência *vs.* heterorreferência na capacidade de evocação das palavras.

Os nossos resultados revelam que a produção de memórias falsas com estes dois tipos de listas é muito baixo pelo que o princípio da associação semântica presente no paradigma DRM e na formação de impressões não parecem ser de natureza semelhante.

Palavras-chave: efeito de autorreferência, teorias implícitas da personalidade, formação de impressões, memórias falsas, traços de personalidade, paradigma DRM.

Impression formation and self-reference effect: A comparative study of impression formation lists and DRM lists

Abstract

In the present study we intend to compare lists of impression formation and lists of associated convergents regarding evocation. For this we employed a task of impression formation in another task that evaluated self-reference.

Initially we intend to identify and confirm the level of production of false memories and recall of words presented in lists of personality traits and also to test whether the number of critical items necessary for the production of false memories is a variable to be considered in this type procedure. Later we compared lists of associated convergents built by us with the lists of the first phase. In a third phase we employed a memory task whose processing was based on the formation of impressions, to compare the effect of self-reference vs. hetero-reference in the ability to recall words. Our results show that false memory production for these lists is overall very low. As such, it seems that the principle of semantic associated that is present in the DRM paradigm and that of formation of impressions is of different natures.

Key-words: self-reference effect, implicit theory of personality, impression formation, false memories, DRM paradigm, activation/monitoring framework.

Enquadramento Teórico e Empírico

Quando as pessoas são informadas sobre os traços centrais de um indivíduo elaboram uma representação global a respeito dessa pessoa. Este processo designa-se por formação de impressões. Isto acontece porque os traços individuais (de personalidade) não são vistos como independentes uns dos outros. O facto de eles estarem associados permite que as pessoas tirem conclusões a respeito da constelação total de traços que melhor representa aquela pessoa (Asch, 1946). Às teorias que estudam estes processos chamamos teorias implícitas da personalidade, implícitas na medida em que surgem como óbvias para os indivíduos que as utilizam (Bruner & Tagiuri, 1954). Desde o início do estudo destas teorias, os investigadores constataram que, independentemente de os sujeitos terem ou não conhecimentos acerca dessas pessoas ou estarem conscientes do que estão a fazer, as impressões formadas vão muito para além da informação fornecida (Schneider, 1973). Para além disso, nas avaliações feitas pelos sujeitos acerca de outros, as relações entre os traços de personalidade são sobrevalorizadas e são estáveis, quer as pessoas alvo sejam conhecidas, ou não. Podemos então dizer que as teorias implícitas de personalidade tal como todos os processos de categorização são atos de simplificação que têm inevitavelmente consequências e conduzem indiscutivelmente a erros (Leal, 1986).

Rosenberg, Nelson e Vivekananthan (1968) conceberam a teoria implícita de personalidade (TIP) como uma teoria bidimensional. Com efeito, estudos acerca das impressões de personalidade baseados em técnicas de redução de dados, como o escalonamento multidimensional (Rosenberg et al., 1968) e a análise de *clusters* (Cantor & Mischel, 1977; Rosenberg & Sedlak, 1972), levaram à definição das impressões de personalidade como sendo baseadas numa estrutura ou rede associativa. Esta estrutura pode ser concebida como um espaço bidimensional constituído por duas dimensões avaliativas independentes, a dimensão social e a dimensão intelectual, que se subdividem em quatro quadrantes representados por traços de personalidade: dimensão intelectual de valência positiva; dimensão intelectual de valência negativa; dimensão social de valência positiva; e dimensão social de valência negativa (Rosenberg, Nelson, & Vivekananthan, 1968). Este facto leva a que as impressões que formamos acerca dos outros se organizem de acordo com as quatro categorias definidas. Investigações mais recentes corroboram a importância fundamental destas duas dimensões dipolares para a formação de impressões mostrando ainda, que esta estrutura conceptual/semântica pode constituir-se como uma estratégia ou mnemónica confiável quando queremos recordar características pessoais de alguém (Fiske, Cuddy, & Glick, 2007).

Mas, como se formam então as impressões acerca de uma pessoa? Ao ativarmos um conjunto de características de um alvo dá-se a propagação destas características a outras que lhe estão associadas, constituindo-se assim uma rede semântica que leva à formação de uma impressão. Portanto, a formação de impressões pode ser concebida como um processo de colocação de um alvo num espaço semântico (Brown, 1986). Esta concepção do processo pode explicar porque os participantes atribuem aos alvos mais informação do que aquela que lhes foi fornecida inferindo ativamente traços não apresentados e incorporando-os nas impressões de personalidade por si formadas. Estas inferências de traços não apresentados e incorporados nas impressões de personalidade podem vir a constituir-se como memórias falsas acerca das características pessoais dos alvos (Garcia-Marques et al., 2010).

De uma maneira geral as memórias falsas podem ser definidas como memórias de eventos que realmente não aconteceram (Gallo, 2010). Roediger e McDermott (1995) mostraram que podem ser criadas memórias falsas quando os participantes estudam listas de palavras semanticamente associadas (paradigma DRM). Neste procedimento, os participantes estudaram listas de palavras associadas a um item crítico ausente na lista. Por exemplo, os participantes estudaram palavras como *amargo*, *bombom*, *açúcar*, etc., as quais estão associadas à palavra *doce* (item crítico). Quando posteriormente realizam uma tarefa de evocação, os participantes evocam frequentemente o item crítico não apresentado, o que representa a ocorrência de uma memória falsa.

A elevada ocorrência de memórias falsas que se constata neste tipo de estudos que recorrem a listas de palavras associadas tem sido explicada através da teoria da ativação-monitorização (Roediger, Balota, & Watson 2001). Esta teoria é o resultado da compilação de dois modelos de processamento simples: a teoria de dispersão da ativação (Collins & Loftus, 1975) e a teoria de monitorização da fonte (Johnson, Hashtroudi, & Lindsay, 1993). Segundo a teoria da ativação-monitorização os itens críticos são ativados de um modo automático e inconsciente (Collins & Loftus, 1975) a partir da exposição do participante a listas de palavras associadas a estes. Assim, no momento em que os participantes vão recordar as palavras apresentadas é exigido o recurso a processos de monitorização no sentido de distinguir se a ativação foi provocada pela presença da palavra na lista, ou pela associação que as palavras apresentadas têm com alguns itens (Johnson, Hashtroudi, & Lindsay, 1993). Assim, de acordo com esta teoria, as memórias falsas ocorrem não só devido à sua ativação associativa durante a fase de estudo das listas, mas também devido a um erro durante a recuperação, no qual os participantes atribuem erradamente a origem do item crítico à lista estudada (Roediger & McDermott, 1995).

As memórias falsas resultantes da formação de impressões foram alvo de estudo por parte de vários investigadores. Hamilton, Katz e Leirer (1980) compararam dois grupos relativamente ao desempenho numa tarefa de evocação livre. As instruções dadas a cada grupo foram distintas: ao grupo experimental foi pedido que formassem impressões acerca de um alvo, descrito por frases ilustrativas das suas características pessoais (traços); ao grupo de controlo foi pedido que memorizassem o máximo possível das características apresentadas. Os autores observaram que o grupo experimental recordou mais frases. Num outro estudo, Garcia-Marques e colaboradores (2010) compararam dois grupos relativamente ao desempenho na produção de evocações corretas e de memórias falsas sob a condição de formação de impressões vs. condição de memorização. Os materiais usados nesta investigação consistiram em listas de traços de personalidade. Os autores verificaram que o grupo ao qual foi requerido que formasse uma impressão da personalidade acerca de uma pessoa alvo obteve melhores resultados ao nível da recordação e da produção de memórias falsas comparado com o grupo de controlo, o qual foi submetido a uma tarefa de evocação. Estes estudos mostram que o processamento da informação sob esta condição - quando é pedido aos participantes para formarem uma impressão de personalidade - tem como consequência uma melhor recordação mas também uma taxa mais elevada de memórias falsas.

O desempenho da memória e da produção de memórias falsas também é reforçado quando a instrução da tarefa solicita aos participantes que referenciem os estímulos a eles próprios (e.g., “Avalie se cada uma das palavras apresentadas o descreve enquanto pessoa.”), comparado com outros tipos de avaliações semânticas (e.g., “Avalie se a palavra X significa o mesmo que Y.” - Rogers, Kuiper, & Kirker, 1977). Este efeito é conhecido como o efeito de autorreferência (SRE). A superioridade do efeito de autorreferência pode ser explicada através da existência de uma estrutura categorizada e bem definida em torno do eu, que identifica, classifica e remete a informação mais facilmente para o eu do sujeito, possuindo o potencial de permitir direcionar a evocação na fase de recordação (Rogers, Kuiper, & Kirker, 1977). O SRE foi verificado em diferentes tipos de tarefas de memória, tais como, evocação (Maki & McCaul, 1985; Rogers et al., 1977), e reconhecimento (Macrae, Moran, Heatherton, Banfield, & Kelley, 2004).

Nesta dissertação pretendemos comparar listas de formação de impressões e listas de associados convergentes quanto à evocação. Para tal recorreremos a uma tarefa de formação de impressões e a outra de avaliação da autorreferência através da implementação de três estudos. O primeiro estudo é uma replicação adaptada do estudo de Garcia-Marques e colegas (2010) e pretende identificar e confirmar o nível de produção de memórias falsas e de evocação de

palavras apresentadas com listas de traços de personalidade. Para além disso este primeiro estudo pretende testar se o número de itens críticos necessário para a produção de memórias falsas é uma variável a ter em conta neste tipo de procedimento. No segundo estudo comparamos listas de associados convergentes construídas por nós, com as listas do primeiro estudo. Relativamente ao terceiro estudo recorreremos a uma tarefa de memória sujeito a um processamento baseado na formação de impressões, para comparar o efeito de autorreferência vs. heterorreferência na capacidade de evocação das palavras. Neste último estudo procuramos ainda analisar as diferenças entre os dois tipos de listas já referidos.

Estudo 1

Neste estudo exploramos o efeito do número de itens críticos (1 vs. 3) em listas usadas em estudos de formação de impressões quanto à evocação das palavras apresentadas, dos itens críticos (memórias falsas) e outras intrusões. Foram considerados itens críticos os traços mais próximos do centróides de cada *cluster* ou agrupamento que conduzem à formação de impressões, sendo que o centróide era o ponto médio do *cluster* e os itens críticos os traços mais representativos desse *cluster* (Ferreira, Garcia-Marques, Toscano, Carvalho, & Hagá, 2011).

Método

Participantes

Participaram neste estudo 25 estudantes da Universidade do Minho, com idades entre os 18 e os 46 anos ($M = 22,48$; $DP = 7,32$), sendo maioritariamente do sexo feminino (88%). A colaboração neste, e nos estudos seguintes, foi voluntária, tendo os alunos sido recompensados com créditos pela sua participação.

Materiais e instrumentos

As listas do estudo de Ferreira e cols. (2011) foram construídas replicando o procedimento de Rosenberg e cols. (1968) com participantes portugueses (ver tabela 1).

Tabela 1: Lista de traços de personalidade usados para a construção das listas que ilustram as dimensões avaliativas da formação de impressões do estudo 1.

Intelectual positivo (IP)		Intelectual negativo (IN)		Social positivo (SP)		Social negativo (SN)	
Traços	d	Traços	d	Traços	d	Traços	d
culto	2,41	irresponsável	2,51	compreensivo	2,08	arrogante	2,07
motivado	2,51	desmotivado	2,58	sensível	2,23	frio	2,44
determinado	2,53	inculto	2,60	amável	2,24	agressivo	2,49
criativo	2,71	incompetente	2,61	teimoso	2,36	manipulador	2,53
perspicaz	2,76	lento	2,65	simpático	2,36	egocêntrico	2,66
racional	2,77	preguiçoso	2,67	fiável	2,47	calculista	2,68
independente	2,77	incapaz	2,81	sociável	2,64	insensível	2,70
corajoso	2,80	limitado	2,86	alegre	2,69	fútil	2,75
tolerante	2,81	desatento	2,86	prestável	2,75	sovina	2,77
responsável	2,84	desorganizado	2,95	honesto	2,78	falso	2,79
inteligente	2,91	dependente	3,02	extrovertido	2,79	estúpido	2,8
prudente	2,93	indeciso	3,02	falador	3,13	cínico	2,81
pontual	3,19	conflituoso	3,09	altruísta	3,13	cobarde	2,90
confuso	3,28	burro	3,15	flexível	3,15	convencido	3,07
trabalhador	3,38	rotineiro	3,37	sincero	3,27	idiota	3,24
astuto	3,47	conservador	3,53	espiritual	3,5	concentrado	3,63
Média	2,91	Média	2,92	Média	2,77	Média	2,82

d: distância ao centroide de cada traço.

Um grupo de participantes executou quatro tarefas de descrição livre, que consistiam numa descrição curta (cinco traços) de quatro tipos alvo. Estes variavam na dimensão agradabilidade (i.e., alguém que gostasse ou não) e familiaridade (i.e., alguém que conhecesse pessoalmente ou não) permitindo deste modo o surgimento de traços de valência positiva e negativa, assim como de carácter geral e particular. Através das técnicas de redução de dados e

análise de *clusters* estes autores obtiveram a estrutura associativa constituída pelas duas dimensões avaliativas, cada uma com duas valências, tal como descrito anteriormente.

No nosso estudo foram utilizadas quatro listas de 12 traços de personalidade construídas a partir das listas de Ferreira e cols. (2011) e adaptando o paradigma DRM. Os traços com a menor distância ao centróide foram definidos como itens críticos de cada lista (nas listas com 1 item crítico considerou-se o traço com a menor distância; nas listas com 3 itens críticos consideraram-se os 3 traços com menor distância). As palavras de cada lista foram escolhidas de modo a que a média da distância ao centróide fosse semelhante para as quatro listas, ver tabela 1.

Para a realização desta tarefa, assim como das tarefas que apresentaremos de seguida, na totalidade dos estudos, foi utilizado o *software* SuperLab 4.5 (Cedrus Corporation, San Pedro, CA) através do qual foi apresentada a rotina experimental. Todas as análises estatísticas, deste e dos restantes estudos, foram efetuadas com o apoio do programa IBM SPSS 20.0.

Procedimento

Foi realizada uma tarefa individual de evocação livre sendo utilizado o computador para apresentação das instruções e das palavras das listas. No final da apresentação de cada lista foi pedido aos participantes para escreverem num bloco as palavras que recordavam, sendo dada a instrução explícita para não adivinhar palavras. Cada participante realizou um procedimento com quatro listas: duas com um item crítico; e as restantes com três itens críticos. A ordem de apresentação das listas foi contrabalançada de modo a que houvesse uma distribuição uniforme destas entre os participantes. As palavras foram apresentadas a um ritmo de uma palavra a cada 2 segundos e os participantes dispunham de 90 segundos para a evocação livre de cada lista. A duração total do procedimento foi de 10 minutos.

Planeamento

O estudo envolveu duas variáveis independentes conjugadas no seguinte plano fatorial: 2 (número de itens críticos: 1 vs. 3) x 4 (tipo de lista: Intelectual Positiva vs. Intelectual Negativa vs. Social Positiva vs. Social Negativa). As variáveis dependentes incluíram a proporção de evocações de palavras apresentadas (calculada a partir do número de palavras recordadas a dividir pelo número total de palavras da lista), itens críticos (calculada dividindo o número de itens críticos evocados a dividir pelo número de itens críticos total) e intrusões

(dividindo o número de intrusões pelo total de palavras recordadas). Em todos os estudos o procedimento de cálculo das proporções foi idêntico.

Resultados e Discussão

Pretendeu-se então analisar as proporções de evocação de palavras apresentadas, itens críticos e intrusões. Como podemos verificar na figura 1, as proporções das variáveis dependentes são muito semelhantes para as quatro listas. Por outro lado, o nível de proporções de itens críticos e intrusões revelou-se quase inexistente.

Os resultados relativos à evocação de palavras apresentadas, de itens críticos e intrusões encontram-se representados na figura 1. Realizamos uma ANOVA para medidas repetidas para estudar foram encontradas diferenças entre as listas quanto à proporção de evocações de palavras apresentadas, $F(2.12, 48,73) = .30, p = .754, \eta^2 = .01$, itens críticos, $F(2.22, 50.296) = 1.66, p = .202, \eta^2 = .07$ e intrusões, $F(3, 69) = 2.49, p = .067, \eta^2 = .10$, pelo que as listas não diferem entre si quanto à produção destes três tipos de recordação.

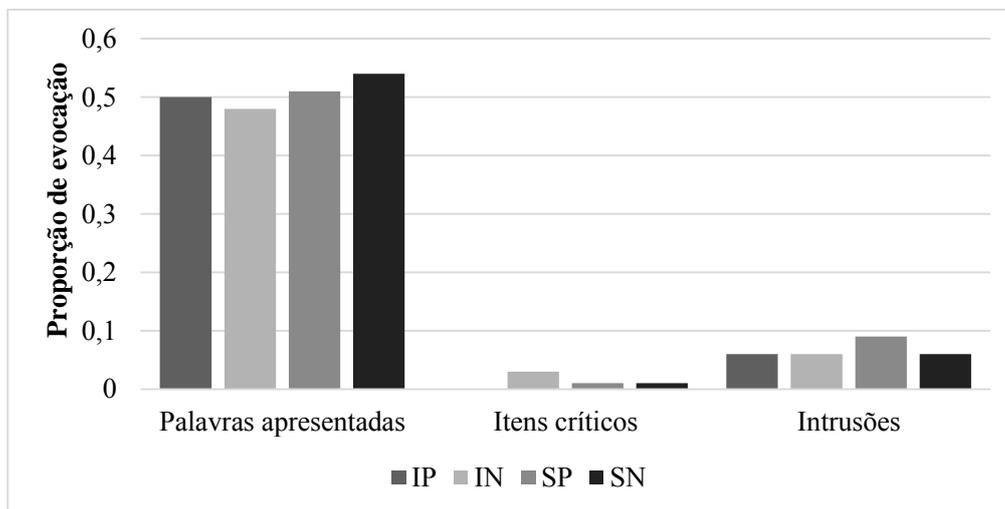


Figura 1: Médias das proporções das palavras apresentadas, itens críticos e intrusões para as listas Intelectual positivo (IP), Intelectual negativo (IN), Social positivo (SP) e Social negativo (SN).

Por fim, comparamos o desempenho dos participantes para as listas com um ou três itens críticos, quanto à proporção de evocações de palavras apresentadas, itens críticos e intrusões. dado que pretendíamos comparar dois grupos usamos testes *t-Student* para amostras independentes com correção de Bonferroni para as quatro listas (ver tabela 2).

Tabela 2 Proporções médias de evocação nas quatro listas em função do número de itens críticos (1 vs. 3).

Listas	Palavras apresentadas	Itens críticos	Intrusões
IP	$M_{1IC} = .53$ vs $M_{3IC} = .48$ $t(23) = 1.46, p = .263$	$M_{1IC} = .00$ vs $M_{3IC} = .00$	$M_{1IC} = .06$ vs $M_{3IC} = .05$ $t(23) = .45, p = .655$
IN	$M_{1IC} = .49$ vs $M_{3IC} = .48$ $t(23) = 1.34, p = .89$	$M_{1IC} = .05$ vs $M_{3IC} = .00$ $t(23) = 1.42, p = .170$	$M_{1IC} = .04$ vs $M_{3IC} = .08$ $t(23) = 1.02, p = .319$
SP	$M_{1IC} = .52$ vs $M_{3IC} = .51$ $t(23) = .84, p = .843$	$M_{1IC} = .02$ vs $M_{3IC} = .00$ $t(23) = .96, p = .347$	$M_{1IC} = .12$ vs $M_{3IC} = .06$ $t(23) = 1.22, p = .235$
SN	$M_{1IC} = .55$ vs $M_{3IC} = .53$ $t(23) = .38, p = .711$	$M_{1IC} = .00$ vs $M_{3IC} = .03$ $t(23) = 1.04, p = .308$	$M_{1IC} = .04$ vs $M_{3IC} = .09$ $t(23) = -1.21, p = .237$

Os níveis da proporção de palavras apresentadas, itens críticos e intrusões são muito semelhantes para as listas com um ou três itens críticos, ou seja, listas com mais itens críticos não são melhor recordadas (ver figura 2).

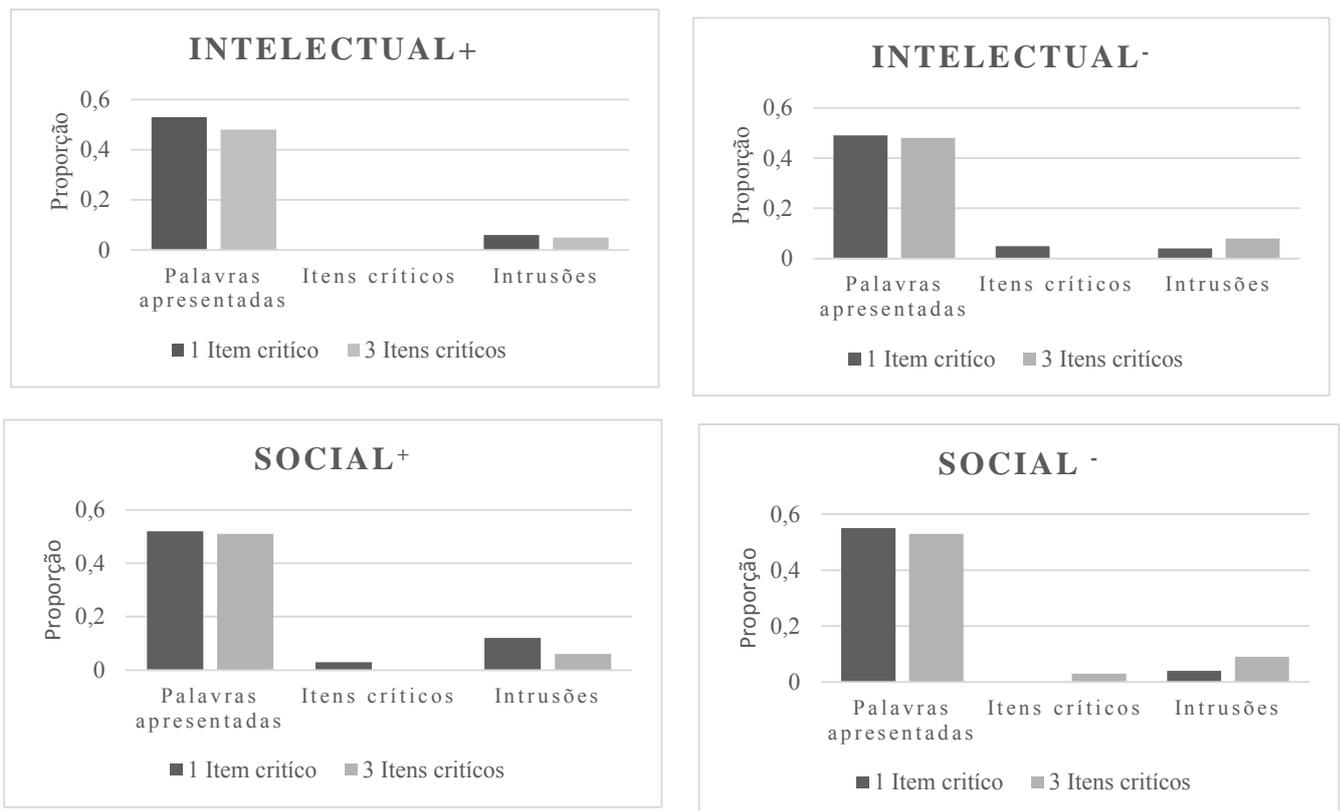


Figura 2. Proporção das médias das evocações corretas, itens críticos e intrusões para as listas Intelectual positivo (IP), Intelectual negativo (IN), Social positivo (SP) e Social negativo (SN) com 1 vs. 3 itens críticos.

Perante os resultados acima apresentados podemos concluir que o número de itens críticos de cada lista não condiciona a capacidade de recordação das palavras apresentadas. Do mesmo modo, as listas com três itens críticos não produzem mais memórias falsas, nem intrusões. Isto pode dever-se ao facto de que a forma de construção destas listas pode não ser a adequada para a produção de falsas memórias segundo o paradigma DRM. Por outro lado a forma de produção de memórias falsas nas listas de formação de impressões não é igual à forma como estas se produzem nas listas DRM. Segundo Garcia-Marques e cols. (2011), as listas de formação de impressões possuem uma estrutura associativa idêntica à estrutura das listas DRM, o que poderia levar a supor que o mecanismo de produção de memórias falsas seria o mesmo para ambas.

Nas listas que usamos, e que resultaram do estudo desenvolvido por Ferreira e cols. (2011), definimos os itens críticos como os traços de personalidade com maior proximidade ao centróide de cada um dos quatro quadrantes. Poderemos assim afirmar que estes traços são mais

representativos de cada quadrante do que os restantes traços apresentados nas listas. Neste sentido, a probabilidade de serem erradamente considerados como pertencentes às listas durante a evocação seria mais elevada (erro de monitorização) se a estrutura associativa destas listas fosse idêntica às listas DRM. Mas isto não foi verificado, levando a pensar que a estrutura e mecanismo de produção de memórias falsas não é semelhante.

Por outro lado, o facto de existir a possibilidade de os participantes formarem uma impressão de personalidade de forma espontânea, como estratégia de codificação quando estudam as listas poderá levar a um processamento mais profundo da informação e a uma melhor recordação (Garcia-Marques et al., 2010). Este facto origina um nível baixo de memórias falsas motivado pela não existência de tantos erros de fonte durante a monitorização. Nas listas de formação de impressões, apesar de os itens críticos serem os traços mais próximos do centróide, não fica garantido que ao formarem uma impressão considerem o traço definido por nós como item crítico como parte da impressão.

Neste seguimento, no estudo seguinte usaremos listas com apenas um item crítico porque o padrão de recordação das listas é independente de terem 1 ou 3 itens críticos.

Estudo 2

O objetivo deste estudo orientou-se para a construção de listas de associados convergentes (listas associativas- ASS) através de um procedimento que descreveremos de seguida, e averiguar o comportamento destas listas ao nível de evocações corretas, da produção de itens críticos e intrusões. Foram definidos como itens críticos para as listas a construir, os itens críticos das listas (com um item crítico) que usamos no estudo 1.

Concluimos este estudo comparando as listas de formação de impressões (MFI) que investigamos no estudo 1, com as listas associativas no sentido de perceber se a técnica de construção das listas de traços de personalidade afeta a produção de palavras apresentadas, itens críticos e intrusões.

Participantes

Participaram neste estudo 28 estudantes universitários com idades entre os 19 e os 23 anos ($M = 20,54$; $DP = 1,11$), sendo maioritariamente do sexo feminino (64%). Os participantes receberam créditos académicos pela sua participação.

Materiais e instrumentos

A construção das listas associativas foi feita com a colaboração voluntária de 80 alunos da Universidade do Minho e do ISMAI (Instituto Universitário da Maia). Foi pedido aos participantes para escreverem numa folha de papel as 3 primeiras palavras que lhes “viesses à cabeça” depois de lerem a palavra apresentada no quadro (e.g., culto). Este procedimento foi repetido para cada um dos quatro itens críticos.

Para a formação das listas consideramos apenas os traços de personalidade mais frequentemente mencionados pelos participantes e destes os que foram escolhidos em primeiro lugar. Deste modo quisemos garantir que a força associativa ao item crítico fosse a mais elevada possível

Procedimentos

Os procedimentos deste estudo foram idênticos ao Estudo 1.

Planeamento

Neste estudo manipulamos as listas (IP vs. IN vs. SP vs. SN) através de um plano ou design intraparticipantes, e três variáveis dependentes: nível da proporção de evocação de palavras apresentadas, de itens críticos e intrusões para cada lista.

Resultados

Como é visível na figura 3 a proporção de evocação de palavras apresentadas é semelhante para as quatro listas. Quanto às proporções de evocação de itens críticos ou intrusões constatamos que elas são muito baixas. Foi aplicada uma ANOVA unifatorial para medidas repetidas para cada variável dependente. Verificou-se que não existem diferenças significativas entre as listas ao nível da evocação correta de palavras apresentadas, $F(3, 81) = 2.67, p = .053, \eta^2 = .09$; de itens críticos, $F(2.13, 57.65) = 1.12, p = .338, \eta^2 = .04$, ou intrusões, $F(2.26, 60.98) = 2.08, p = .128, \eta^2 = .07$

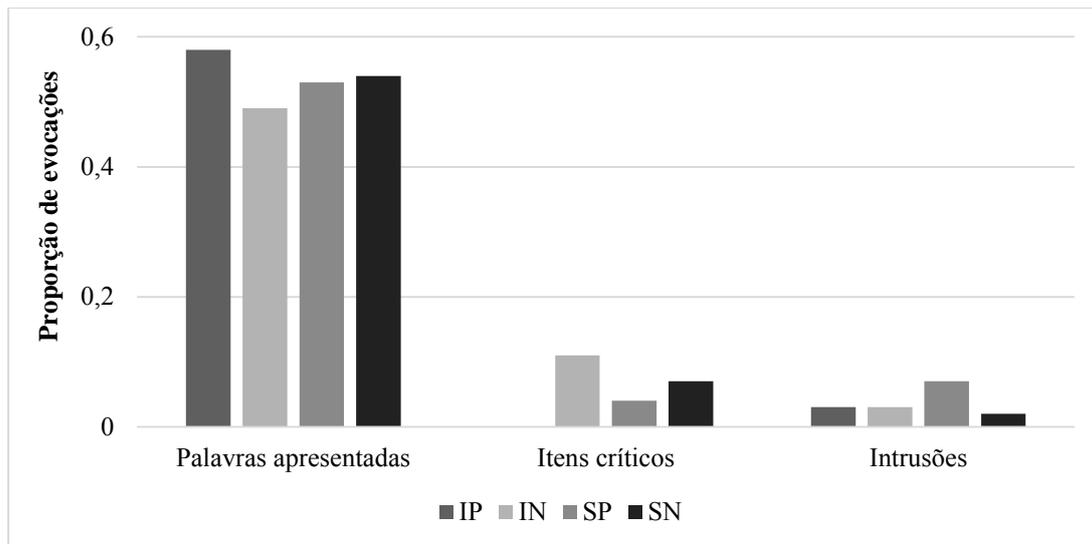


Figura 3: Médias das proporções da evocação de palavras apresentadas, itens críticos e intrusões para as listas Intelectual positivo (IP), Intelectual negativo (IN), Social positivo (SP) e Social negativo (SN).

Não existem diferenças entre as quatro listas construídas por nós quanto à proporção de evocações de palavras apresentadas, de itens críticos e intrusões (figura 3). O nível de proporções de itens críticos e intrusões aproxima-se de zero. Isto sugere que os participantes formaram espontaneamente impressões como estratégia de codificação (Garcia-Marques et al., 2010). Este tipo de processamento da informação durante a codificação permitiu uma monitorização mais eficaz, o que levou à diminuição do nível de memórias falsas.

Finalmente comparamos as listas de formação de impressões com as listas associativas através da produção de memórias falsas testando desta forma a estrutura de formação de impressões.

O estudo envolveu o seguinte plano fatorial: 2 (Construção: MFI vs. ASS) x 4 (Listas: IP vs. IP vs. SP vs. SN). As variáveis dependentes para cada teste incluíram as médias de proporções de evocação de palavras apresentadas e os itens críticos. Não consideramos a variável dependente intrusões dado que não mostrou relevância para o objetivo deste estudo (aproxima de zero). Apesar de a proporção de itens críticos se ter mostrado também muito baixa, foi considerada por ter sido uma medida definida inicialmente para o estudo da estrutura da formação de impressões.

Resultados e Discussão

Com vista a testar o efeito do tipo de construção das listas e do tipo de lista foi efetuada uma ANOVA mista e foram encontradas diferenças entre as listas de formação de impressões e as listas associativas ao nível de proporções de evocação de palavras apresentadas e de itens críticos.

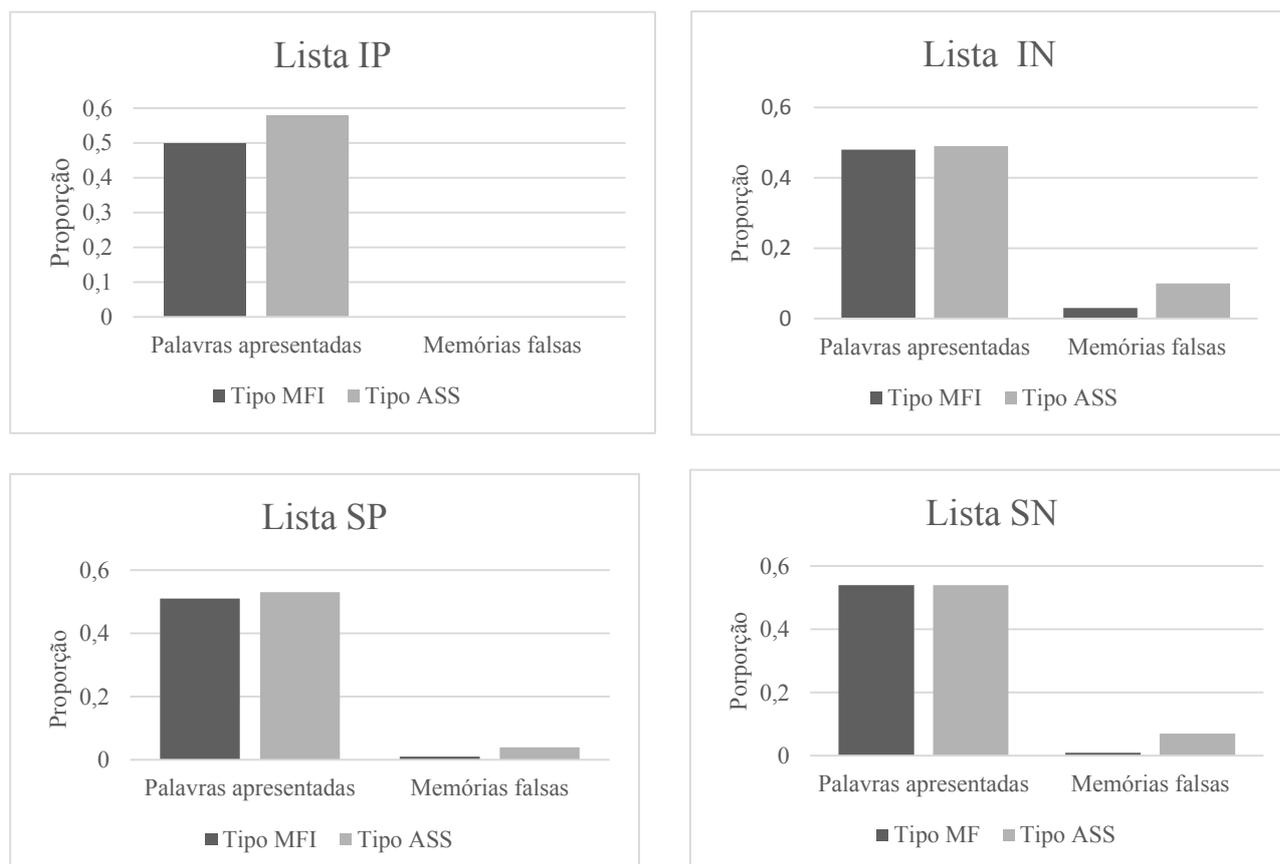


Figura 4. Médias das proporções da evocação de palavras apresentadas (EVcs) e itens críticos (ICs) para as listas Intelectual positivo (IP), Intelectual negativo (IN), Social positivo (SP) e Social negativo (SN).

O efeito principal do fator Listas revelou a existência de diferenças estatisticamente significativas, $F(2.56, 130.47) = 2.87, p = .04, \eta^2 = .053$; especificamente entre as listas IN e SN, $p = .041$. Por outro lado, o efeito principal tipo de Construção (MFI e ASS) não apresentou diferenças estatisticamente significativas, $F(1, 51) = 1.09, p = .301, \eta^2 = .021$.

Não foi verificada uma interação estatisticamente significativa entre as variáveis consideradas, $F(2.56, 130.47) = 1.23, p = .301, \eta^2 = .024$. O que significa que os dois tipos de listas apresentam a mesmo padrão de resultados.

No que diz respeito à produção de memórias falsas o efeito principal de Listas (intrasujeitos) não revelou diferenças significativas das listas ao nível das proporções de itens críticos, $F(2.14, 109.38) = 1.39, p = .253, \eta^2 = .027$. O efeito principal do fator Construção (intersujeitos) não revelou diferenças significativas ao nível das proporções de itens críticos, $F(1, 51) = 3.43, p = .070, \eta^2 = .063$. E não foi encontrado uma interação significativa entre o “Construção” (MFI vs. ASS) e “lista” (IP, IN, SP e SN) ao nível da taxa de itens críticos, $F(2.14, 109.38) = .56, p = .582, \eta^2 = .011$.

Os resultados mostraram que não existem diferenças ao nível da produção de palavras apresentadas ou de itens críticos, entre as listas de formação de impressões e as listas associativas.

Dado que as listas de formação de impressões são constituídas por traços representantes da estrutura subjacente à formação de impressões, seria de esperar que exibissem uma melhor recordação assim como maior nível de memórias falsas, segundo o estudo de Garcia–Marques e cols. (2010), o que não se verificou.

No que diz respeito às memórias falsas, a explicação para estes resultados poderá estar na forma como os dois tipos de listas são construídos. Se por um lado, os traços de personalidade das listas associativas apresentam uma relação associativa com o item crítico (força associativa retrógrada) que vai determinar a produção de memórias falsas (Roediger, Balota, & Watson, 2001), por outro lado nas listas de formação de impressões os itens críticos, apesar de serem os itens mais próximos do centróide, podem não ter uma força associativa aos restantes traços da lista suficientemente forte para criar memórias falsas.

Perante os resultados relativos às proporções de itens críticos (aproximadamente zero), inferiores aos que são habitualmente obtidos nos estudos que aplicam o paradigma DRM (Roediger & McDermott, 1995), decidimos usar apenas a proporção de evocações de palavras apresentadas como medida do efeito da autorreferência no próximo estudo.

A partir dos resultados dos dois primeiros estudos não foi possível distinguir os dois tipos de listas o que poderia sugerir que estes dois tipos de listas são semelhantes. Com o estudo 3 vamos verificar se produzem o mesmo padrão de recordação.

Estudo 3

O terceiro estudo teve como objectivo a comparação das listas de formação de impressões e das listas associativas sob a condição de formação de impressões relativamente ao efeito de autorreferência vs. heterorreferência usando o paradigma DRM.

Participantes

Participaram neste estudo 51 estudantes da Universidade do Minho, com idades entre os 18 e os 45 anos ($M = 22.16$; $DP = 4.69$).

Materiais e instrumentos

Utilizamos dois conjuntos de quatro listas, cada uma constituída por dez palavras. Estas dez palavras dividiam-se em seis traços de personalidade e quatro palavras atemáticas extraídas da aplicação “Procura-PALavras”¹ (Soares, 2010). A presença das palavras atemáticas nas listas teve como objetivo minimizar a possibilidade de os participantes formarem uma impressão espontânea como estratégia de codificação e seguiu a sugestão procedimental proposta no procedimento do estudo de Garcia-Marques et al. (2010).

O conjunto designado como listas de formação de impressões foi organizado a partir das listas do estudo 1, o conjunto designado listas associativas a partir das listas do estudo 2, construídas por nós. As listas, assim como a cotação de referência (auto ou heteroreferência) foram apresentadas aos participantes em todas as posições possíveis.

Procedimento

Nas instruções iniciais pediu-se aos participantes que formassem uma impressão acerca de uma pessoa-alvo, referindo-se que esta pessoa teria sido descrita através de um conjunto de características fornecidas por alguém que a conhecia bem. Os participantes foram alertados de que essas palavras poderiam ser adjetivos (e.g., simpático) ou substantivos (e.g., sapato) pelo facto de essas ambas os tipos de palavras terem sido associadas à pessoa-alvo pela pessoa que a descreveu. As instruções seguiam o seguinte modelo de apresentação: *“A pessoa X trabalha num escritório, esquecendo-se frequentemente da sua caneta e pede insistentemente uma aos colegas do escritório. Quando foi pedido aos amigos da pessoa X que escrevessem palavras que lhes vinham à mente quando pensavam nela, os amigos escreveram palavras como esferográfica, escritório, persistente e esquecido”*.

Seguidamente, os participantes receberam uma instrução no sentido de formar uma impressão acerca de uma pessoa-alvo através das palavras apresentadas. Foram apresentadas

¹ P-PAL é uma aplicação que permite aos investigadores acederem a uma diversidade de índices e métricas sobre características lexicais e sublexicais de cerca de 60.000 lemas e 200.000 formas de palavras do português europeu.

10 palavras de cada lista (correspondentes a cada pessoa-alvo) a um ritmo de 2,5 segundos por palavra. Posteriormente foi-lhes pedido para, numa escala de 1 (negativa) até 5 (positiva), cotar o grau de agradabilidade da impressão que formaram (“Que impressão formou acerca desta pessoa?”). Em seguida pediu-se para aos participantes para avaliarem cotar a “até que ponto a pessoa-alvo descrita era parecida com ele/a (autorreferência) ou, alternadamente, “até que ponto a pessoa-alvo descrita era parecida com alguém seu conhecido (heterorreferência). A escala usada nestas duas avaliações variou entre 1 (nada parecido/a) a 5 (extremamente parecido/a). O procedimento foi repetido para cada uma das quatro listas. No final foi pedido ao participante que chamasse a experimentadora. Esta entregou-lhe uma folha de papel e esferográfica e indicou, no monitor, as instruções para uma tarefa de memória: “*Procure agora recordar o máximo de palavras associadas às quatro pessoas que lhe foram apresentadas, escrevendo-as na folha de papel que tem à sua frente. Ao recordar as palavras (adjetivos e substantivos) pense nas pessoas e na impressão que formou acerca delas a partir das características que lhe foram apresentadas*”. Os participantes tiveram três minutos e meio para realizar desta tarefa de evocação livre.

O procedimento foi realizado na sala das cabines sonorizadas do Laboratório de Cognição Humana da Escola de Psicologia da Universidade do Minho e teve uma duração de aproximadamente 15 minutos.

Planeamento

Este estudo envolveu a manipulação das seguintes variáveis: tipo de construção das listas (formação de impressões vs. associativas); listas (IP vs. IN vs. SP vs. SN) com um *design* misto em que a primeira variável é interparticipante. A variável tipo de referência (autorreferência vs. heterorreferência) foi manipulada sob um *design* interparticipante.

Como variáveis dependentes foram consideradas: a proporção de evocação de todas as palavras apresentadas e a proporção de evocação dos traços de personalidade.

Resultados e Discussão

Começamos por analisar a proporção de evocação de palavras apresentadas nas listas de formação de impressões e associativas. Esta análise teve como objectivo avaliar se codificação das listas, tendo em conta o pedido explícito de formação de uma impressão, se reflete na recordação. Neste sentido realizamos uma ANOVA 2 X 4 para as variáveis Construção das listas (MFI vs. ASS) e Lista (IP vs. IN vs. SP vs. SN). Esta análise foi efetuada

para as variáveis dependentes - proporção de evocação das palavras apresentadas e proporção de evocação dos traços de personalidade.

Quanto às palavras apresentadas, não se verificou o efeito principal tipo de construção das listas, $F(1, 49) = 0.34$, $p = .854$, $\eta^2 = .001$, nem o efeito principal listas, $F(3, 147) = .242$, $p = .867$, $\eta^2 = .005$. Foram, contudo, encontradas diferenças significativas ao nível das evocações para as listas IN, $t(49) = -2.49$, $p = .016$ e SN, $t(44,497) = -2.853$, $p = .007$. Pelo contrário, as listas IP, $t(49) = 1.55$, $p = .378$ e SP, $t(49) = .532$, $p = .519$, não registaram diferenças quanto à média das palavras apresentadas recordadas. As análises revelaram ainda uma interação entre as duas variáveis consideradas, $F(3,147) = 5.835$, $p = .001$, $\eta^2 = .106$, ou seja, o padrão de resultados para as quatro listas apresentadas difere entre as listas de formação de impressões e associativas.

As listas da dimensão intelectual (IP e IN) apresentam um padrão de resultados oposto ao das listas da dimensão social (SP e SN), ou seja, as primeiras revelaram uma recordação mais elevada para as listas associativas. Na dimensão social foram as listas de formação de impressões que produziram melhor recordação (figura 5).

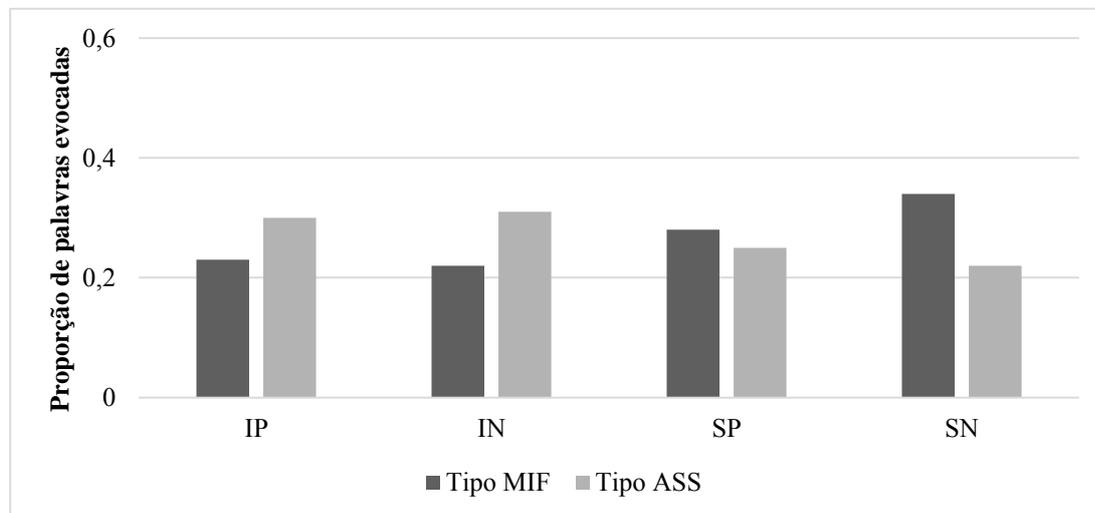


Figura 5: Proporção de evocações de palavras apresentadas.

No que se refere aos traços de personalidade das listas apresentadas (cf. figura 6), não foi encontrado um efeito principal tipo de construção das listas, $F(1,49) = 2.330$, $p = 1.33$, $\eta^2 = .045$, embora tal tenha sucedido para o fator listas, $F(1.951,147) = 8.765$, $p = .00$, $\eta^2 = .152$, mais especificamente ao nível das evocações para as listas IN, $t(49) = -2.49$, $p = .016$ e SN, t

(44,497) = 2.853, $p = .007$. Não foi encontrado efeito de interação entre as variáveis consideradas, $F(1.951, 147) = 2.988, p = 0.56, \eta^2 = .057$.

Estes resultados mostram que o nível de evocações de palavras apresentadas, no se refere aos traços de personalidade, é dependente apenas do tipo de lista. Ou seja, é uma função da dimensão (social vs. intelectual) e da valência (positiva vs. negativa) da lista em questão. Tendo isso em conta poderíamos pressupor que o que levou à interação na análise das palavras apresentadas foi a existência de palavras atemáticas diferentes para todas as listas. Como o objetivo da codificação da informação (neste caso formação de impressões) pode levar à ativação de estruturas semânticas específicas, estas estruturas ao serem ativadas interferem com a ativação padrão de associações dos estímulos disponíveis (Garcia-Marques et al., 2010). como é o caso das palavras atemáticas no nosso estudo. O facto de as listas serem associativas ou de formação de impressões não tem impacto no nível da recordação deste tipo de palavras.

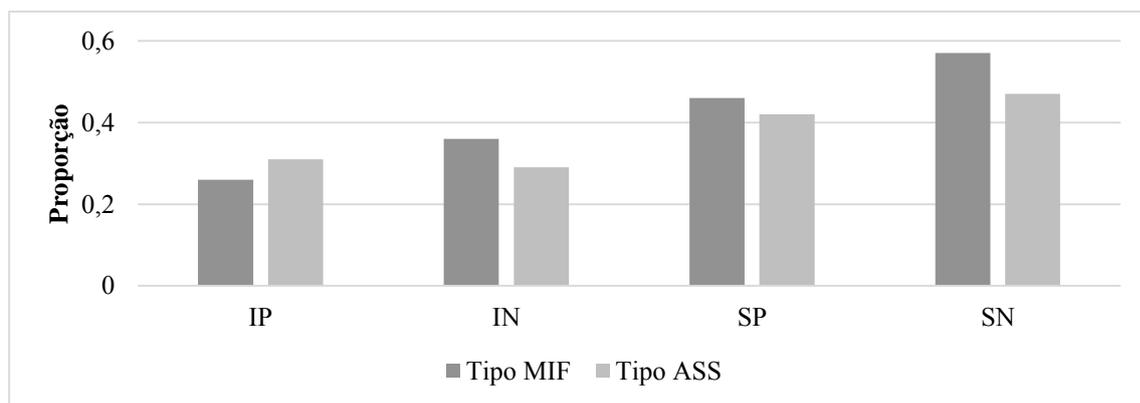


Figura 6: Proporção das evocações de traços de personalidade

Para analisarmos o nível de palavras evocadas sob a avaliação autorreferência vs. heterorreferência (figura 7) realizamos um teste-t para amostras independentes com correção de Bonferroni. Não se verificaram diferenças significativas para nenhuma das listas: IP, $t(49) = 2.74, p = .786$; IN, $t(49) = 1.967, p = .055$; SP, $t(49) = 1.938, p = .058$; e SN, $t(49) = .362, p = .719$.

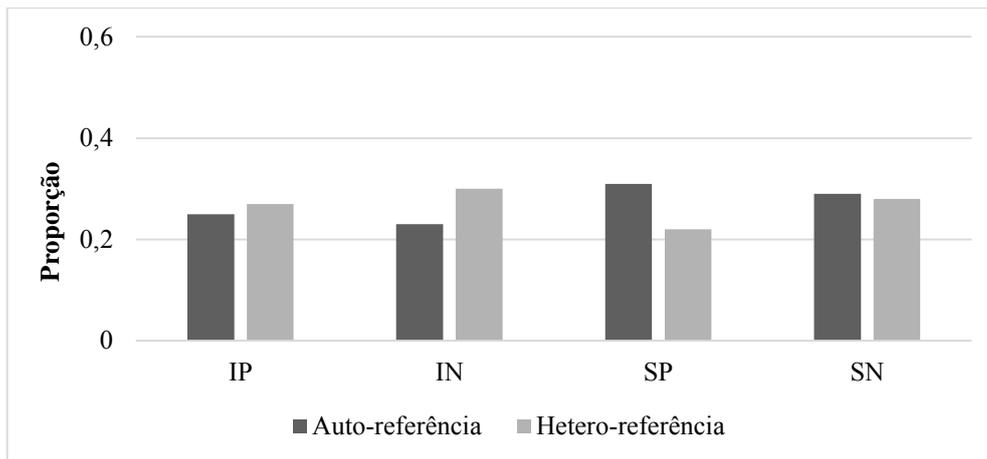


Figura 7: Proporções das evocações corretas das palavras apresentadas para as avaliações autorreferência vs. heterorreferência.

Estes resultados não vão de encontro à maioria dos resultados obtidos nos estudos que manipulam o efeito de auto-referência (Rogers et al., 1977; Symons & Johnson, 1977) que sugerem a autorreferência como uma mnemónica eficaz e com níveis de recordação superiores à heterorreferência. Este evento pode dever-se ao facto de a tarefa inicial da nossa investigação ser relativa à formação de impressões acerca de outras pessoas e não a algo relacionado com o próprio participante (e.g., até que ponto é que estas características o descrevem?). Consequentemente, ao codificar as listas, os participantes poderão ter codificado a informação como heterorreferência.

Para além disso, estudos de Bower e Gilligan, (1979) ou Kuiper (1982), entre outros, encontraram resultados em tarefas de autorreferencia vs. heterorreferência, que indicam que quando a informação é codificada referindo-a a pessoas familiares próximas o efeito de autorreferencia desaparecer, levando os investigadores a argumentarem que não existem vantagens no processamento de autorreferencia relativamente à heterorreferência com referência a pessoas de elevada intimidade. Como não foi definido nas instruções do estudo que os participantes deveriam pensar em pessoas estranhas, esta pode ter sido uma das explicações dos nossos resultados.

Finalmente, e no sentido de verificar se as listas de formação de impressões (MFI) são mais eficazes para a formação de impressões do que as listas associativas (ASS), analisamos como medida indireta, conforme foi proposto por Hamilton e cols (1980), os efeitos de agrupamento ou *chunking* na recordação. Os resultados revelam que as as listas não diferem quanto à capacidade agrupamento, $t(47) = .66, p = .512$. De igual modo, e com o objetivo de averiguar se a formação de impressões (traduzida na organização das palavras segundo as listas

a que pertenciam) estava associada a uma melhor recordação destas, o que significaria que o rácio ajustado de *clustering* (ARC) estava associado à proporção de evocações de palavras apresentadas, calculamos o ARC das listas usando o *software* CMMM (Olesya, 2012). Os resultados do coeficiente de correlação de *Pearson* mostraram que a formação de impressões está apenas associada a uma melhor recordação para a lista da dimensão *intellectual positiva*, $r = .386, p = .006$.

Os resultados corroboram as conclusões dos estudos de Hamilton et al. (1980) onde foi verificado um agrupamento para listas de traços de personalidade apresentadas aleatoriamente. Este agrupamento suportou a hipótese de que, na condição de formação de impressões, os sujeitos organizam a informação segundo as categorias pensadas *á priori* pelos experimentadores: os traços de personalidade. Ou seja, o agrupamento tem a ver com o facto de as listas serem constituídas por traços de personalidade e existir uma tarefa de formação de impressões.

Seria esperado que quando os participantes formassem impressões a recordação fosse mais elevada, isto não aconteceu. O resultado obtido poderá ter uma explicação cultural. Os participantes são exclusivamente estudantes universitários, será então natural que as listas representantes do quadrante intelectual positivo sejam altamente relevantes, pois existe uma tendência para valorizar as características dos outros, que estão de acordo com os seus valores e necessidades (Michener, Delamater, & Myers, 2003).

Discussão geral

O principal objetivo desta investigação foi comparar as listas de formação de impressões com as listas associativas relativamente ao efeito que a autoreferência poderia ter na capacidade de recordação. Para além disso decidimos adaptar o paradigma DRM, utilizado por Garcia-Marques e cols. (2010) sob a condição de formação de impressões. Com isto pretendemos verificar se a estrutura da formação de impressões é semelhante à estrutura associativa das listas do paradigma DRM. Os resultados obtidos na nossa investigação não corroboram o estudo realizado por estes autores que defendem esta perspectiva. Se a estrutura de formação de impressões fosse semelhante à que leva à produção de memórias falsas no paradigma DRM seriam encontradas memórias falsas, o que não aconteceu (estudo 1). Por outro lado, o estudo 2 mostrou que as listas associativas também não criaram memórias falsas. O que significa que listas de traços de personalidade poderiam funcionar de maneira diferente das listas de associados convergentes do DRM. Então a estrutura subjacente à formação de

impressões de Rosenberg e Sedlak (1972) não pode ser igualada a estrutura do DRM, segundo os nossos resultados.

Com o último estudo procuramos estudar a estrutura da formação de impressões colocando os participantes numa situação de formação de impressões e comparamos os dois tipos de listas através da avaliação auto- vs. heterorreferência. Os resultados destes estudo mostram a limitação da nossa investigação pois não é conclusivo pelos motivos descritos na discussão do estudo 3. Finalmente as análises acrescidas a este estudo sugerem que o fator cultural assim como o impacto da impressão formada pode influenciar a recordação.

No que concerne à recordação de impressões de personalidade, o nosso estudo sugere que o tipo de listas não parece ser fundamental. É possível que seja o impacto das impressões formadas a ter um papel fulcral na recordação de impressões de personalidade independentemente da dimensão ou valência.

Apesar da maior parte dos estudos que se debruçaram sobre o SRE vs. ORE terem encontrado resultados que apontam para a presença de um efeito de autorreferencia superior ao efeito de heterorreferência, no nosso trabalho estes não se verificaram. A formação de impressões acerca de outra pessoa como condição prévia para a tarefa sobre este efeito, ilustra a limitação principal deste estudo.

Alguns dos resultados aqui apresentados carecerem de explicação teórica fundamentada, apesar disso, estes mostram a importância de outros estudos futuros que colmatem as limitações deste. Deste modo a presente investigação contribuiu de forma produtiva para um conhecimento mais aprofundado do processo de formação de impressões e efeito de autorreferência.

Referências

- Asch, S. E. (1946). Forming impressions of personality. *Journal of Abnormal and Social Psychology, 41*, 258-290.
- Bowel, G. H. & Gilligan, S. G. (1979). Remembering information related to one's self. *Journal of Research in Personality, 13*, 420-432.
- Brown, R. (1986). *Social psychology*. New York, USA: Free Press.
- Bruner, J. S., & Tagiuri, R. (1954). The perception of people. In G. Lindzey (Ed.), *Handbook of Social Psychology* (Vol. 2, pp. 634-654). Reading, USA: Addison-Wesley.

- Cantor, N. & Mischel, W. (1977). Prototypes in person perception. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 12, pp. 3-52). New York, USA: Academic Press.
- Collins, A. M. & Loftus, E. F. (1975). A spreading-activation theory of semantic processing. *Psychological Review*, 82, 407-428.
- Ferreira, M. B., Garcia-Marques, L., Toscano, H., Carvalho, J., & Hagá, M. (2011). Para uma rede da abordagem multidimensional das impressões de personalidade: O culto, o irresponsável, o compreensivo e o arrogante. *Análise Psicológica*, 2, 315-333.
- Fiske, S. T, Cuddy, A. J. C, & Glick, P. (2007). Universal dimensions of social perception: Warmth and competence. *Trends in Cognitive Science*, 11, 77-83.
- Garcia-Marques, L., Ferreira, M. B., Nunes, L. D., Garrido, M. V., & Garcia-Marques, T. (2010). False memories and impressions of personality. *Social Cognition*, 28, 556-568.
- Hamilton, D. L., Katz, L. B., & Leirer, V. O. (1980). Cognitive representation of personality impressions: Organizational processes in first impressions. *Journal of Personality & Social Psychology*, 39, 1050-1063.
- Johnson, M. K., Hastroudi, S., & Lindsay D. S. (1993). Source monitoring. *Psychological Bulletin*, 114, 3-28.
- Kuiper, N.A. (1982). Processing personal information about wellknown others and the self: The use of efficient cognitive schemata. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 14, 1 - 12.
- Leal, I. (1986). Teorias implícitas de personalidade: Novas estruturas categoriais. *Programa de investigação sobre a marginalidade e violência em Portugal*. Núcleo de estudos Sociais. Presidência da República, Instituto Damião de Góis. Lisboa.
- Macrae, C. N., Moran, J. M., Heatherton, T. F., Banfield, J. F., & Kelley, W. M. (2004). Medial prefrontal activity predicts memory for self. *Cerebral Cortex*, 14, 647–654.
- Maki, R. H., & McCaul, K. D. (1985). The effects of self-reference versus other reference on the recall of traits and nouns. *Bulletin of the Psychonomic Society*, 23, 169-172.
- Michener, H. A., Delamater, J. D. & Myers, D. J. (2003). *Psicologia Social*. São Paulo, Brasil: Thomson.
- Roediger, H. L., III, Balota, D. H., & Watson, J. M.. (2001). Spreading activation and the arousal of false memories. In H. L. Roediger, J. S. Nairne, I. Neath, & A. M. Suprenant (Eds.), *The nature of remembering: Essays in honor of Roberts G. Crowder* (pp. 95-115). Washington, D. C., USA: American Psychological Association.

- Roediger, H. L., III, & McDermott, K. B. (1995). Creating false memories: Remembering words not presented in lists. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, *21*, 803–814.
- Rogers, T. B., Kuiper, N. A., & Kirker, W.S. (1977). Self-reference and the encoding of personal information. *Journal of Personality and Social Psychology*, *35*, 677-688.
- Rosenberg, S., & Sedlak, A. (1972). Structural representations of implicit personality theory. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in experimental social psychology* (Vol. 6, pp. 235-297). New York, USA: Academic Press.
- Soares, A., Comesaña, M., Iriarte, A., Almeida, J., Costa, A., França, P., & Machado, J. (2010). P-PAL: Uma base lexical com índices psicolinguísticos do Português Europeu. *Linguamática*, *2*, 67-72.
- Schneider, D. J. (1973). Implicit personality theory: A review. *Psychological Bulletin*, *79*, 294-309.
- Symons, C. S., & Johnson, B. T. (1997). The self-reference effect in memory: A meta- analysis. *Psychological Bulletin*, *121*, 371–394.
- Rosenberg, S., Nelson, C., & Vivekananthan, P. S.. (1968). A multidimensional approach to the structure of personality impressions. *Journal of Personality and Social Psychology*, *9*, 283-294.

Anexo 1- Listas do estudo 1

1 Item crítico

	Social Pos	Social Neg	Intelectual Pos	Intelectual Neg	
<i>IC</i>	<i>Compreensivo</i>	<i>Arrogante</i>	<i>Culto</i>	<i>Irresponsável</i>	
<i>Posição serial</i>	1	sensível	frio	motivado	desmotivado
	2	amável	agressivo	determinado	inculto
	3	teimoso	manipulador	criativo	incompetente
	4	simpático	egocêntrico	perspicaz	lento
	5	fiável	calculista	racional	preguiçoso
	6	sociável	insensível	independente	incapaz
	7	alegre	fútil	corajoso	limitado
	8	prestável	sovina	tolerante	desatento
	9	honesto	falso	responsável	desorganizado
	10	extrovertido	estúpido	inteligente	dependente
	11	falador	cínico	prudente	indeciso
	12	altruísta	cobarde	pontual	conflituoso

3 Itens críticos

	Social Pos	Social Neg	Intelectual Pos	Intelectual Neg	
	<i>compreensivo</i>	<i>arrogante</i>	<i>culto</i>	<i>irresponsável</i>	
<i>ICs</i>	<i>sensível</i>	<i>frio</i>	<i>motivado</i>	<i>desmotivado</i>	
	<i>amável</i>	<i>agressivo</i>	<i>determinado</i>	<i>inculto</i>	
<i>Posição serial</i>	1	teimoso	manipulador	criativo	incompetente
	2	simpático	egocêntrico	perspicaz	lento
	3	fiável	calculista	racional	preguiçoso
	4	sociável	insensível	independente	incapaz
	5	alegre	fútil	corajoso	limitado
	6	prestável	sovina	tolerante	desatento
	7	honesto	falso	responsável	desorganizado
	8	extrovertido	estúpido	inteligente	dependente
	9	falador	cínico	prudente	indeciso
	10	altruísta	cobarde	pontual	conflituoso
	11	flexível	convencido	confuso	burro
	12	sincero	idiota	trabalhador	rotineiro

Anexo2- Listas usadas no estudo 2

Listas Associativos (ASS)

	INT POS	INT NEG	SOC POS	SOC NEG
	<i>culto</i>	<i>irresponsável</i>	<i>compreensivo</i>	<i>arrogante</i>
IC				
1	inteligente	desorganizado	amigo	antipático
2	sábio	despreocupado	simpático	mau
3	interessado	imaturo	amável	frio
4	esperto	criança	calmo	convencido
5	estudioso	atrasado	atencioso	insensível
6	aplicado	distraído	empático	chato
7	conhecedor	descontraído	acessível	estúpido
8	curioso	desinteressado	meigo	frustrado
9	perspicaz	preguiçoso	companheiro	prepotente
10	professor	infantil	ouvinte	desprezível
11	religioso	desatento	paciente	egoísta
12	responsável	desleixado	sensato	indelicado

Posição serial

Anexo3- Listas usadas no estudo 3

Listas de formação de impressões

INT POS	INT NEG	SOC POS	SOC NEG
culto	irresponsável	compreensivo	arrogante
motivada	desmotivada	sensível	fria
determinada	inculta	amável	agressiva
criativa	incompetente	teimosa	manipuladora
perspicaz	lenta	simpática	egocêntrica
racional	preguiçosa	fiável	calculista
independente	incapaz	sociável	insensível
cesto	gancho	tanque	perfume
farolim	lanterna	relva	secador
lenço	laço	ferro	tigela
colete	pintura	coluna	esfera

Listas Associativas

INT POS	INT NEG	SOC POS	SOC NEG
culto	irresponsável	compreensivo	arrogante
inteligente	desorganizada	amiga	antipática
esperta	despreocupada	calma	má
estudiosa	imatura	atenciosa	convencida
aplicada	criança	acessível	chata
conhecedora	atrasada	meiga	estúpida
curiosa	distraída	paciente	frustrada
bolha	assento	cordel	espuma
cacifo	chaleira	cartaz	cascata
caneca	neve	molde	máquina
feno	panfleto	tesouro	prenda